

AS RELAÇÕES DE SABER/PODER NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE *CROSSDRESSER*

Marcos Paulo de Azevedo; Francisco Paulo da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); marcos_h.p@hotmail.com

Resumo

Este trabalho objetiva analisar de que modo as relações de saber/poder atravessam a construção da subjetividade *crossdresser*. Segundo Vencato (2013), pode-se chamar de *crossdresser* a pessoa que eventualmente e sem nenhuma relação direta com sua orientação sexual se veste com roupas ou acessórios do sexo oposto ao que nasceu. Para desenvolver essa análise, tomamos como objeto dois depoimentos de *crossdressers* selecionados do sítio Brazilian Crossdresser Club (BCC), um ambiente virtual que promove o contato e interação entre praticantes masculinos do *crossdressing* no Brasil. Nos depoimentos, analisamos, tal como faz Foucault na análise de enunciados, as relações de saber/poder que atravessam tanto os corpos desses sujeitos, quanto os discursos que concorrem para legitimá-los, classificá-los, excluí-los (FOUCAULT, 1982). Após analisar os dois depoimentos, constatamos que o processo de construção do sujeito *crossdresser* é atravessada por relações de saber/poder que emanam principalmente do sistema heteronormativo que rege nossa sociedade. Com este trabalho, esperamos contribuir tanto para os estudos em análise do discurso, quanto para dar voz àqueles que são constantemente silenciados pelo sistema heteronormativo e impedidos de viver plenamente sua sexualidade.

Palavras-chave: *Crossdressing*, Discurso, Saber/poder, Subjetividade.

Considerações Iniciais

Este trabalho dialoga com o campo de estudo da Análise do Discurso de linha francesa, tomando como principal orientação teórica e metodológica os estudos sobre o discurso e os modos de subjetivação realizados por Foucault (1982; 2008). Com base nesses apontamentos teórico-metodológicos desenvolvemos aqui nossa análise sobre a construção da subjetividade *crossdresser*.

As relações de saber/poder e os modos de subjetivação são alvos de inúmeras pesquisas acadêmicas. Destas, destacamos as pesquisas de Carvalho (2008), que analisou os modos de subjetivação homoafetiva inscritos em cartas enviadas à revista *G Magazine*, e Nascimento (2013), que fez uma análise do discurso sobre a inclusão social de pessoas com deficiência tomando como objeto a revista *Sentidos*. Em ambos os estudos as autoras concluíram que o processo de subjetivação desses sujeitos é atravessado por relações de saber/poder que promoveram, ao longo da história, diferentes formas de interdição que levaram esses sujeitos a sofrer um processo de exclusão social.

Nossa investigação vai ao encontro das pesquisas de Carvalho (2008) e Nascimento (2013) e dá seguimento a essa linha de pesquisa, no entanto direciona o foco para outro objeto de análise,

que são os depoimentos das *crossdressers* ligadas – no sítio, os homens são tratados no feminino – ao *Brazilian Crossdresser Club* (BCC).

O termo *crossdresser*, em tradução literal, significa vestir-se cruzado ou vestir-se ao contrário. Vencato (2013) estudou as *crossdressers* associadas ao BCC em sua pesquisa de doutorado em antropologia e constatou que o termo pode apresentar algumas variações de significado, mas, “*grosso modo*, uma pessoa que se identifica como *crossdresser* pode ser definida como alguém que eventualmente usa ou se produz com roupas e acessórios tidos como do *sexo oposto* ao *sexo com que se nasce*” (VENCATO, 2013, p. 32, grifos da autora). O termo *crossdressing*, por sua vez, geralmente é usado para nomear a prática de se vestir com roupas e acessórios tidos como próprios ao sexo oposto ao que se nasce. Neste trabalho, assim como em Vencato (2013), é investigado o *crossdressing* realizado por sujeitos do sexo masculino.

Ainda sobre o *crossdressing* é preciso esclarecer que este não está necessariamente ligado às práticas sexuais dos sujeitos, ou seja, as *crossdressers* não são necessariamente sujeitos homossexuais que “se vestem de mulher”, pelo contrário, em sua pesquisa Vencato (2013) descobriu que a maior parte das *crossdressers* que aceitaram participar de seu estudo eram homens heterossexuais, vários deles casados. Ressalvamos, contudo, que não estamos afirmando não existir *crossdressers* homossexuais ou que o *crossdressing* não possa ser, em algum caso, um fetiche sexual, mas que esses não são aspectos definidores.

Em sua tese de doutorado em psicanálise, Kogut (2006) toma *crossdresser* como sinônimo de travesti, mas diz preferir o termo *crossdresser* porque, de acordo com ela, travesti estaria “associado à prostituição e eventualmente a comportamentos anti-sociais” (KOGUT, 2006, p. 9). Diferenciá-las pela prática ou não da prostituição ou por comportamentos anti-sociais parece-nos bastante inadequado, uma vez que essa fala legitima o discurso de que toda travesti se prostitui e que a prostituição não é uma atividade remuneratória digna, de modo que todos que a pratiquem devam ser socialmente excluídos. Discordamos categoricamente dessa fala.

É fato que a vestimenta feminina é um ponto comum nas duas práticas, mas entender travesti e *crossdresser* como sinônimos implicaria dizer também que todas as *crossdressers* são, assim como as travestis, homossexuais e essa nem sempre é a realidade.

Uma vez que este trabalho toma como base os estudos foucaultianos, o método de análise adotado será o arquegenealógico. Tal escolha de metodologia se justifica pelo fato dele abarcar a ideia central de Foucault sobre a manifestação das práticas discursivas e como estas devem ser analisadas, a saber: partindo de um viés histórico e considerando a singularidade da sua emergência.

Destarte, adotar os depoimentos das *crossdressers* associadas ao BCC como *corpus* sob o viés arqueogenalógico significa refazer o percurso histórico dessas práticas discursivas, buscando compreender onde elas se inscrevem, em que momento se dá a irrupção dessas escritas sobre si, quais apagamentos ou transformações são infligidos a esses discursos no decorrer da história que fazem com que um e não outro sejam produzidos; e ainda quais são as regras que possibilitam o surgimento desse discurso sobre si e a maneira como promovem modos de subjetivação desses sujeitos sobre si mesmos (NASCIMENTO, 2013).

Saber e poder na construção do sujeito foucaultiano

Didaticamente, os estudos foucaultianos que tratam do sujeito dividem-se em três fases: arqueológica, genealógica e ética, que abordam, respectivamente, três eixos: a) a verdade por meio da qual nos constituímos como sujeitos do saber; b) o campo de poder por meio do qual nos constituímos como sujeito de ação sobre os outros e c) a ética por meio da qual nos constituímos como agentes morais (CARVALHO, 2008). Por questões metodológicas, discutiremos a seguir apenas as duas primeiras fases, estabelecendo entre elas uma relação indissolúvel.

A noção de sujeito da modernidade e os modos por meio dos quais o ser humano se constitui enquanto um sujeito moderno foram alvos de Foucault entre as décadas de 1960 e 1980, uma vez que o estudioso se negava a aceitar o sujeito iluminista, tido como natural e indiferente às relações sociais, culturais, políticas e econômicas.

Tornar-se sujeito, segundo Foucault (1982), possui dois sentidos: ser sujeito submisso ao outro por meio de controle ou por uma relação de dependência e ser sujeito de sua própria identidade pelo conhecimento de si mesmo. Em ambos os casos, o sujeito aparece assujeitado, seja pelo outro, seja por si próprio. Essa noção serve de base para Foucault nas três fases de sua pesquisa.

Na fase arqueológica, duas obras são fundamentais: *As palavras e as coisas* e *Arqueologia do saber*.

Em *As palavras e as coisas* é tratada a autotematização do ser humano na condição de objeto e sujeito da ciência no contexto da historicização da cultura ocidental. Nessa obra, o filósofo ao procurar construir um corpo de conhecimento moderno positivo dos seres humanos, mostra o sujeito moderno como um novo objeto de discursos, como um objeto que produz e como um objeto que vive o mundo natural ou biológico. O sujeito moderno é aí concebido não como aquele que está na

origem dos saberes, nem como produtor de saberes, no entanto, é um produto, constituído no interior de saberes (CARVALHO, 2008, p. 35-36).

Como Carvalho (2008) deixa claro, o sujeito é entendido por Foucault como produto do saber, não como produtor dele. O sujeito moderno passa a ser objeto das ciências, um objeto que produz e vive no mundo natural, mas que, para Foucault, deixa de ser fonte, deixa de ser a origem de onde emana o saber, “o homem emerge não apenas como sujeito e objeto do conhecimento, mas também, ainda que paradoxalmente, como o organizador do espetáculo em que aparece” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 31-32).

Já em *A arqueologia do saber* Foucault analisa o saber de uma época examinando de modo mais específico as práticas discursivas em torno da produção de conhecimento, as epistemes. Na obra, o filósofo francês vai defender, inicialmente, o conceito de formação discursiva, ressaltando que o sujeito ocupa um determinado lugar na ordem do discurso e, por isso, não é totalmente livre para falar qualquer coisa em qualquer lugar e nem é dono de seu dizer. O sujeito não pode ser totalmente responsabilizado pelo sentido que adquire seu discurso uma vez que este emana exatamente da posição enunciativa que ele ocupa (FOUCAULT, 2008). Dito de outro modo, os atos enunciativos, a produção de discursos não é de total responsabilidade do enunciador (não reflete apenas uma intenção discursiva pessoal), ou seja, um discurso nunca pertence a um sujeito específico, pelo contrário; o discurso se constitui na/pela dispersão do sujeito: nos diversos lugares, *status* e posições sociais que ele pode ocupar e a partir dos quais exercerá um determinado discurso. Assim sendo, “tornar-se sujeito remete a questionamentos acerca de quem fala, [de onde fala], quem detém o direito institucional ou jurídico de proferir tal discurso” (CARVALHO, 2008, p. 38).

É possível perceber que o estudo realizado em *A arqueologia do saber* corrobora com aquele de *As palavras e as coisas* no sentido de que o ser humano por si só não é detentor nem produtor do saber, mas se constitui enquanto sujeito a partir dele.

A segunda fase de Foucault, a genealogia, examina os modos pelos quais o sujeito se constitui nas relações de poder que o rodeiam. Nessa fase, o indivíduo é entendido como “produto de desenvolvimentos estratégicos complexos no campo do poder e de múltiplos desenvolvimentos nas ciências humanas” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 176), o que significa dizer que as relações de poder estão estreitamente relacionadas ao saber produzido por essas ciências sobre o sujeito. Por esse motivo diz-se que o sujeito se constitui nas relações de saber/poder que emanam da sociedade.

Para compreender essa relação entre o saber e o poder é preciso levar em consideração o fato de que o processo de produção de discursos (logo, também de saberes) será sempre controlado por

um feixe de relações de poder. Tais relações de poder agem excluindo ou limitando a circulação de determinados discursos na sociedade ou ainda usando tais discursos como forma de objetivação e subjetivação do ser humano. Isso nos permite perceber uma série de *efeitos de poder* nestes discursos (DOMINGOS, 2009). Destarte, na genealogia, Foucault não abandona a arqueologia, mas sim promove a união dos dois métodos para pensar sobre o modo como o saber construído sobre o homem pelas ciências humanas passou a ser usado como instrumento de poder para tornar sujeito o ser humano.

Na segunda parte do meu trabalho, eu estudei a objetivação do sujeito no que chamarei as “práticas divisoras”. O sujeito é ou dividido no interior dele mesmo, ou dividido dos outros. Esse processo fez dele um objeto. A separação entre o louco e o homem são de espírito, o doente e o indivíduo em boa saúde, o criminoso e o “rapaz gentil” ilustra essa tendência (FOUCAULT, 1982, p.118).

No momento em que o homem se torna objeto de estudo, ele passa a ser dividido, rotulado, classificado; seja em relação a si próprio, ou em relação aos outros. Os exemplos de separação que Foucault (1982) cita surgiram com o advento das clínicas psiquiátricas, dos hospitais e das prisões. Foucault vai analisar as transformações ocorridas em determinadas práticas institucionais no que se refere ao tratamento dado àqueles que eram classificados como loucos, doentes, criminosos etc., com foco para os castigos e atos de violência a que estes eram submetidos tendo por objetivo disciplinar e produzir corpos úteis e dóceis. Essas práticas institucionais fazem parte do poder “disciplinar” que surge na sociedade moderna ocidental. Tal poder é exercido primordialmente sobre os corpos dos indivíduos, pois é neles que são aplicadas as proibições, as obrigações e as limitações (CARVALHO, 2008).

A obra que inicia a genealogia é *Vigiar e punir*. Nessa obra Foucault faz uma trajetória histórica da violência nas prisões com foco para as relações entre poder e opressão, além de fazer uma discussão sobre o processo de surgimento das prisões e as diferentes formas de punição.

O preso de *Vigiar e punir* é objeto de produção de saberes, na medida em que seu corpo se oferece e, ao mesmo tempo, resiste à normalização. Classificado, julgado, exercitado, comparado, diferenciado, hierarquizado, homogeneizado, excluído – em uma palavra, normalizado –, o homem dos cárceres incorpora literalmente uma “arte de punir e de ser punido” (FISCHER, 2012, p. 60).

O preso, neste caso, é ao mesmo tempo cativo, paciente e cobaia. Empresta seu corpo à produção de saberes sobre o ser humano enquanto é normalizado, enquanto os castigos corporais

tentam, de algum modo, trazê-lo de volta à produtividade. O saber então produzido a partir desses “experimentos” é usado para intimidar, alertar à sociedade dos perigos que correm aqueles que fugirem à normalidade. A pedagogia e a medicina passam a se esforçar na aplicação de métodos, ações e instrumentos que previnam determinados comportamentos libertinos que venham acometer os sujeitos.

Em *A vontade de saber*, primeiro livro da História da Sexualidade, Foucault parte também das relações de poder para delinear uma genealogia da sexualidade na modernidade, ou seja, faz um estudo sobre como as relações de poder configuram o ser humano moderno enquanto sujeito de sua sexualidade. Para traçar essa história, o filósofo francês se posiciona contrário à hipótese repressiva do poder, isto é, Foucault (1999) defende que o poder não é totalmente repressivo no que diz respeito à sexualidade. O que se observou foi a intenção “de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor da proibição” (FOUCAULT, 1999, p. 28). Segundo o autor, pode ter havido toda uma aparelhagem para regular a produção dos discursos sobre o sexo, mas isso em determinados lugares. O que se operou foi a legitimação de instituições (igreja, escola, família etc.) que passaram a ter o controle do quê, como e onde o sexo poderia ser discursivizado.

Criou-se, assim, um conjunto de elementos organizadores em torno do discurso da sexualidade, conjunto esse que passou a se chamar *dispositivo da sexualidade*. De maneira geral, um dispositivo da sexualidade engloba todas as práticas discursivas que se desenvolveram no ocidente ligadas à produção de saberes sobre o sexo – sejam essas práticas promovidas pela religião, pela ciência, pela política, pela economia ou pela moral – e que, de algum modo, promoveram o controle e a normatização sobre o corpo e os prazeres por meio da produção de “verdades” (FOUCAULT, 1984).

Para Foucault (1999) essa forma de poder – o bio-poder – centrada no sexo e na vida das pessoas é a responsável pela sociedade normalizadora em que vivemos. Para o autor, as sociedades modernas contam com uma forma de governo que investe no corpo vivo da população. Diferentemente dos governos soberanos de antigamente, centrados na figura de um rei que tinha poder sobre a morte e a vida de seu povo, a forma de governo centrada na bio-política esforçou-se por criar mecanismos de controle social que visam o “bem-estar” do corpo biológico da população. São exemplos desses mecanismos as ações de governabilidade sobre a natalidade, a habitação, a saúde pública e a educação das pessoas.

Pelo exposto, é possível inferir que o exercício do bio-poder exige a relação já mencionada entre o saber e o poder. Sem a produção de saberes sobre o ser humano, a qual se deu na

modernidade, seria praticamente impossível pensar numa política centrada na vida. A partir dessa genealogia do poder centrada no corpo, notamos um sujeito constituído primordialmente a partir das relações de saber/poder que emanam do dispositivo da sexualidade. Destarte, o sexo aparece aqui como um instrumento de subjetivação do sujeito moderno.

As relações de saber/poder na construção da subjetividade *crossdresser*

A partir da discussão realizada no tópico anterior sobre os apontamentos Foucaultianos a respeito das relações de saber/poder na construção do sujeito moderno, passamos agora à análise dos depoimentos de duas *crossdressers* associadas ao BCC. Os dois depoimentos que compõem o nosso *corpus*, assim como os demais depoimentos disponíveis no sítio eletrônico, encontram-se em domínio público e assinados com nomes femininos escolhidos pelas associadas.

Um dos pontos em comum entre os depoimentos disponíveis no sítio é a narrativa sobre como tudo começou, qual foi o primeiro contato com as vestimentas femininas e quais os desafios enfrentados para lidar com aquele desejo que, na grande maioria dos casos, teve início na infância. Vejamos alguns trechos dos depoimentos:

Bem eu lembro que sentia adoração pelas roupas, saltos femininas desde meus 11 anos de idade. Eu ficava imaginando vestida e aí esperava minha irmã ir pro banho, depois ia eu, então eu vestia suas roupas como mini saias, biquínis, roupa de ginástica isso sempre me deixou atraída e eu me sentia muito bem. E assim foi a forma que eu encontrei de por alguns momentos me realizar fazendo coisas comuns a mulher (RABELLO, 2005).

Quando eu tinha uns 10 anos, não sei explicar porque, tive vontade de vestir uma meia-calça da minha mãe. Depois das meias foram as saias, as sandálias... Sempre me senti muito mal com isso, um sentimento de culpa terrível! Hoje, graças a Deus, tenho uma esposa maravilhosa que me ama e me aceita do jeito que eu sou e me faz a pessoa mais feliz do mundo (GOMIDE, 2003).

No caso de Rabello (2005) e Gomide (2003) o início do *crossdressing* se deu ainda na pré-adolescência – 11 e 10 anos, respectivamente – momento em que se inicia a descoberta do corpo e que se aguçam os sentidos da sexualidade. Em ambos os casos, o contato com as peças femininas se deu no convívio familiar. Rabello narra que aguardava a irmã ir para banho e entrava logo em seguida para usar as vestimentas que ela deixava lá, segundo Rabello “isso sempre me deixou atraída e eu me sentia muito bem”.

Ainda segundo Rabello, “assim foi a forma que eu encontrei de por alguns momentos me realizar fazendo coisas comuns a mulher”. Por esse trecho é possível notar que existia a necessidade de se encontrar formas, de se traçar estratégias para que o contato com o mundo feminino por meio da roupa fosse possível. Há nessa fala um silêncio constitutivo (ORLANDI, 2005), ou seja, uma palavra que promove o apagamento de outra palavra. Entra em questão aqui o jogo entre o dito e o não-dito de que fala Orlandi (2005). Para a autora o sentido se constitui na relação entre o discurso enunciado e aquele que por questões diversas deixou de ser produzido, mas que interfere diretamente na análise que fazemos do discurso. Um dos possíveis apagamentos que destacamos aqui na fala de Rabello é o de que as estratégias por ela traçadas existiam porque de algum modo ela era proibida de usar as roupas femininas, existia algum modo de interdição, alguma relação de poder que a atravessava e a fazia consciente da necessidade de se trancar no banheiro para experimentar as roupas da irmã.

O depoimento de Gomide (2003) também traz o relato de que seu interesse em roupas femininas se deu desde muito cedo, aos dez anos. O contato com a meia-calça da mãe abriu caminho para as saias e sandálias. Nos chama atenção, contudo, o fato de que se vestir com roupas femininas causava um mal estar em Gomide: “Sempre me senti muito mal com isso, um sentimento de culpa terrível!” É possível notar o conflito que se manifesta nesse discurso: o desejo de usar a peça de roupa da mãe e ao mesmo tempo o mal estar, o sentimento de culpa. Ao questionarmos de onde vem esse sentimento de culpa mais uma vez somos levados ao não-dito. Isso porque se existe o sentimento de culpa, subentende-se que há uma acusação, proveniente, talvez, do discurso heteronormativo que domina nossa sociedade.

O discurso heteronormativo baseia-se em um modelo binário que divide a sociedade entre homem e mulher, heterossexual e homossexual, aquilo que deve/pode ser feito/dito por um homem ou uma mulher etc.. Esse discurso é fortemente difundido por diversas formações discursivas, como a religiosa, a escolar e a política que, por sua vez, atravessam o discurso familiar e atinge inúmeras crianças como Gomide, causando esse sentimento de culpa. Destarte, torna-se perceptível que o depoimento de Gomide encontra-se também atravessado por relações de poder.

Vale ressaltar ainda, no discurso de Gomide (2003), o fato dessa situação de culpa ter chegado ao fim: “Hoje, graças a Deus, tenho uma esposa maravilhosa que me ama e me aceita do jeito que eu sou”. O fato de ser aceita e amada por alguém faz com que o sentimento de culpa desapareça, uma vez que não existe julgamento, não existe acusação. O fato de Gomide ser casada e ser aceita como *crossdresser* pela esposa reforça a ideia que o *crossdressing* não interfere necessariamente na

orientação sexual da pessoa. Uma vez que a parceira percebeu que o fato do marido gostar de vestir roupas femininas nada interferiu em sua relação, a aceitação vem acabar com qualquer discurso acusatório ou qualquer sentimento de culpa por estar fazendo algo “proibido”.

Vejamos outros trechos dos depoimentos em análise que falam sobre esse processo de aceitação pelo outro:

Minha esposa sabe que sou uma *crossdresser* desde 2002 e sempre me ajudou muito em todos os sentidos. Minha montagem tem evoluído muito e estou muito feliz com os resultados, também já consegui montar um guarda-roupa bem completo, com muitas meias, sapatos e vestidos (GOMIDE, 2003).

Hoje tenho uma namorada que não sabe que sou CD, minha irmã conversei com ela, pois é ela que me ajuda no sentido das roupas, por eu morar ainda com meus pais e não revelar nada a eles por serem bem tradicionais e preconceituosos, fica um pouco mais complicado eu ter no meu armário minhas roupinhas, então ela me dá suporte nesse sentido mas não toca muito no assunto (RABELLO, 2005).

Pela fala de Gomide percebemos que não existe nenhum tipo de restrição em seu casamento sobre o fato dela ser uma *crossdresser*. Podemos dizer que existem duas fases em sua vida: aquela marcada pela interdição advinda das relações de poder que a fazia se sentir culpada e a seguinte, quando ela encontra alguém que lhe dá apoio e compreensão, o que não significa dizer, porém, que não sofra mais nenhuma forma de preconceito ou interdição por parte da sociedade.

Já na fala de Rabello (2005) percebemos uma situação diferente: “Hoje tenho uma namorada que não sabe que sou CD [*crossdresser*]”. No caso de Rabello, ela preferiu se abrir com a irmã, que passou a ajudá-la com as compras dos acessórios femininos para que ela pudesse se “montar”. Mas mesmo a irmã “não toca muito no assunto” e os pais são “bem tradicionais e preconceituosos”, o que nos permite inferir que ela é atravessada por uma série de discursos no seio familiar que a fazem não se sentir bem em conversar com a família ou com a namorada sobre seu desejo. Esses discursos familiares provavelmente são também atravessados pelo discurso heteronormativo, o que acaba fazendo com que Rabello – e Gomide, de certa forma – vivam uma vida dupla: uma conhecida por todos e outra que elas se esforçam por ocultar, apesar desta insistir em aparecer.

[...] eu sentia atração pelas roupas femininas e adereços, mas sempre gostei de mulheres, então o conflito sempre foi grande, eu me sentia diferente, e só agora é que encontrei esse site onde me encontrei quando li, já havia procurado ajuda de profissionais como psicólogos e psiquiatras, mas confesso que nada me ajudaram (RABELLO, 2005)

Nesse outro trecho do depoimento de Rabello, duas novas questões merecem destaque: o conflito interno sobre a orientação sexual e a busca por ajuda profissional. No primeiro caso, a dúvida sobre a orientação sexual persiste porque desde a infância, em casa ou na escola, aprendemos aquilo que pertence ao universo feminino e ao masculino e qualquer um que ouse transpassar a linha divisória é imediatamente taxado como anormal, no caso dos meninos como “mulherzinha”, “bichinha”, dentre outros termos pejorativos. No caso do *crossdressing* isso se torna ainda mais complexo, porque o sujeito geralmente sente atração pelo sexo oposto, mas tem preferência pelo mundo representativo do feminino, principalmente no que diz respeito às roupas.

Já a ajuda profissional, que segundo Rabello não ajudou, é atravessada, geralmente, pelo discurso médico, que tende a apontar uma patologia para esse tipo de comportamento (ver KOGUT, 2006). O discurso da medicina muitas vezes atrapalha porque o sujeito é tratado – e se vê – como paciente, como portador de alguma doença, e isso causa medo, principalmente quando o atendimento é feito no sentido de buscar por fim ao *crossdressing*. Vale ressaltar que o discurso médico é portador de uma vontade de verdade que atravessa o sujeito e de algum modo o objetiva, distanciando-o de sua própria verdade.

Por fim, vale ressaltar que, apesar de toda interdição sofrida por esses sujeitos, apesar das relações de saber/poder que a todo momento tentam trazê-los à normalidade, eles não deixam de exercer sua subjetividade, não deixam de se posicionar enquanto um sujeito *crossdresser*. Isso porque toda relação de poder vem acompanhada por uma forma de resistência. “O poder só se exerce sobre ‘sujeitos livres’” (FOUCAULT, 1982, p. 134), logo, a liberdade é entendida como um pré-requisito para que possam se estabelecer relações de poder. Se o sujeito se encontra em estado de escravidão ou similar, no qual não existe nenhuma possibilidade de lutar, ou de pelo menos revidar, discordar; estamos diante de outra forma de dominação. Não podemos confundir, pois, relações de poder com dominação, mas entendê-las como uma arena em que concorrem visões diferentes, onde a todo momento uma tenta se sobrepor a outra. A construção do sujeito *crossdresser*, se dá nessa luta constante contra as normas éticas que se opõem aos seus desejos, normas essas provenientes, principalmente, do sistema heteronormativo.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar de que modo as relações de saber/poder atravessam a construção da subjetividade *crossdresser*. Após analisar os dois depoimentos, constatamos que o

processo de construção do sujeito *crossdresser* é atravessada por relações de saber/poder que emanam principalmente do sistema heteronormativo que rege nossa sociedade. O fato de instituições como a igreja, a escola, a medicina, a família, dentre outras, (re)produzirem discursos que dividem a sociedade em categorias binárias, como homem e mulher, hetero e homossexual, faz com que sujeitos que vivem na fronteira entre os dois extremos sejam estigmatizados e forçados a viver “dentro do armário”.

No caso das *crossdressers* esse estigma é ainda maior, uma vez que a sociedade não está preparada, não consegue ou não quer entender porque um homem pode desejar vestir-se com roupas femininas e, principalmente, não assumir necessariamente uma orientação homossexual. Apesar disso, tais sujeitos conseguem, por meio da resistência, negociar maneiras de realizar esse desejo e se constituir enquanto sujeito de sua própria vontade. Mesmo de modo velado, a prática de inscrever sobre o corpo – por meio da roupa, da maquiagem, dos acessórios – a simbologia feminina leva o sujeito a fugir do cativeiro da subjetivação de diferentes formas de governabilidade e tornar-se sujeito de seu próprio desejo.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, A. M. *Inscrição discursiva da subjetividade homoafetiva na G Magazine*. 2008. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFRN, Natal, 2008.
- DOMINGOS, J. J. *Discurso, poder e subjetivação: uma discussão foucaultiana*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2009.
- DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FISCHER, R. M. B. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. “O sujeito e o poder”. In: *Ditos e escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Abner Chiquieri. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014 (1982). p. 118-140.

GOMIDE, A. “Biografia”. Disponível em: <<http://www.bccclub.com.br/bios/bios.php?id=286>>. Acesso em: 27 de julho de 2016 (2003).

KOGUT, E. C. *Crossdressing masculino: uma visão psicanalítica da sexualidade crossdresser*. 2006. 254 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, M. E. F. *A pedagogia do sorriso na ordem do discurso da inclusão da Revista Sentidos: poder e subjetivação na genealogia do corpo com deficiência*. 2013. 288 f. Tese (Doutorado em Linguística)-UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2013.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

RABELLO, A. “Biografia”. Disponível em: <<http://www.bccclub.com.br/bios/bios.php?id=277>>. Acesso em: 27 de julho de 2016 (2005).

VENCATO, A. P. *Sapos e princesas: prazer e segredo entre praticantes do crossdressing no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2013.